

# Evocando Bion, retomamos: uma fábula para a nossa época

Deocleciano Bendocchi Alves<sup>1</sup>

Resumo: Os primeiros versículos do Genesis (primeiro livro da Bíblia), junto com o artigo de Bion “Uma fábula para nossa época”, que está em *Cogitations*, foram o estímulo para o autor examinar tópicos importantes do desenvolvimento humano: os conflitos entre o “conhecimento e poder”, “experiência emocional invejosa e experiência e conhecimento”. Se a psicanálise é a ferramenta que proporciona o conhecimento da realidade psíquica, ela também desperta as resistências nascidas do *establishment* interno e do meio social, lidando com o ódio interno e o ódio externo. Descrevendo a experiência emocional invejosa, o autor introduz essa experiência como outro fator que intervém negativamente no desenvolvimento do *insight* e no crescimento individual, e também na expansão da ciência psicanalítica.

Palavras-chave: conhecimento, poder, inveja, ódio, ideologia

Surgiu-nos, sob a forma de indagação, uma nova ideia: por que Adão e Eva não tiveram filhos antes de ser expulsos do paraíso? Pensando sobre o assunto, aparecem de imediato respostas lógicas, religiosas, médicas, supersticiosas e muitas outras. Podemos então pensar que este é um mito como muitos outros que habitam nossa mente. Fomos às fontes para conhecer melhor o mito e para obter uma resposta convincente. Escolhemos *The Holy Bible of King James I* (1611, Noble & Barnes, 2012), tradução inglesa, e encontramos alguns dados interessantes nos capítulos iniciais do Gênesis.

1 Membro efetivo, analista didata e de crianças da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

E da terra o Senhor Deus fez crescer todas as árvores que são agradáveis à vista, e boas para alimentar; criou também a árvore da vida no meio do Jardim do Éden, e também a árvore do conhecimento do bem e do mal. (Cap. 2, ver. 2:8)

E o Senhor Deus ordenou ao homem, disse: de todas as árvores do jardim, você pode estar livre para comer seus frutos, mas, da árvore do conhecimento do bem e do mal, você não poderá comer os frutos, no dia em que você comê-los, você certamente morrerá. (Cap. 2, vers. 2:16 a 2:17)

E o Senhor Deus disse

Veja! o homem está se tornando um de nós, conhecendo o bem e o mal: e então livremo-nos dele, para que ele não tome também da árvore da vida, coma o fruto e viva para sempre. Então o Senhor Deus expulsou-o do Jardim do Éden para a terra, onde ele fora criado. (Cap. 3, vers. 3: 22 e 23)

Adão e Eva tinham o paraíso para eles, desde que não comessem do fruto da árvore do conhecimento. Usufruíam de tudo no Jardim do Éden, mas não podiam ter o conhecimento. O mundo deles era um mundo de satisfações, de prazeres e de ociosidade. O que poderiam aprender?

Um outro mito surgiu à minha mente, este contido no livro *Cogitations: uma fábula para a nossa época* (Bion, 2000, p. 336), e a ele passarei a me referir como a Fábula da Psicopatologia Profética. Sua leitura é muito interessante, e nela Bion visualiza, numa perspectiva futura longínqua, o destino da humanidade e do conhecimento.

Comparando as duas descrições, temos no presente, agora, uma linha que une o passado e o futuro, inspirando-nos reflexões duradouras sobre os acontecimentos em curso: o mito do Éden como a origem, o passado, e a Fábula da Psicopatologia Profética, o presente como uma projeção conjectural sobre o futuro, pois o mito é construído sobre uma ficção. Em *Cogitations*, Bion já havia discorrido sobre os mitos do Éden, da Torre de Babel e de Édipo Rei (Bion, 2000, p. 234).

Ao fazer uma releitura desses mitos, focalizei a atenção em dois conflitos que se realçaram: o conflito entre o conhecimento e a experiência, e um segundo conflito, entre o conhecimento e o poder. Na Fábula da Psicopatologia Profética, Bion faz referências ao conflito entre a ciência e a ideologia.

Tendo Freud utilizado o mito de Édipo, tal como dramatizado na tragédia de Sófocles, para fundamentar a estrutura da psicanálise criada por ele, podemos juntar às minhas conjecturas de agora mais duas tragédias de Sófocles, Édipo em Colono e *Antígona*.

Selecionando esses conflitos, não excludo os outros conceitos psicanalíticos, instituídos por Freud e seguidores. Ressalto sobretudo a inveja, descrita por Melanie Klein como um elemento destrutivo e desagregador da mente humana, incidindo como uma experiência emocional invejosa onipresente nas pessoas. Não podemos considerar os conflitos enunciados acima sem deixar de assinalar e seguir os aspectos de uma experiência emocional invejosa, tal como Robert Greene hoje nos lembra, “a inveja nunca é preguiçosa”.

## A experiência e o conhecimento

Relato um fragmento clínico: Trata-se de um jovem adulto, recém-saído da universidade. Num início de sessão, ele menciona que não dormiu. Durante a noite teve vários sonhos terríficos. Via-se perseguido por bandidos, maltratado e ameaçado de morte. Sua namorada também era perseguida. Acordou várias vezes. Voltava a dormir, e os pesadelos voltavam e recrudesciam. Fazia de tudo para dormir, pois sabia que teria de trabalhar no dia seguinte. Esses sonhos repetiam-se todas as noites. Não queria dormir e prolongava o processo de deitar-se, vendo filmes na tv. Nada adiantava.

Esse homem fez análise na infância, na adolescência e retomou a análise pouco depois de entrar na faculdade. Formado, está trabalhando num escritório de consultoria e tem uma namorada constante.

Esse fragmento, quando ouvido, trouxe-me à mente a imagem do nascimento de um ser humano. A meu ver, o jovem sofria do terror de se tornar **HOMEM**, no sentido genérico, ser por ele reconhecido como um indivíduo existente, separado dos genitores, autônomo para viver – Adão

quando expulso do paraíso. Nada conhecia por sua observação, nada criara, a nada dera um sentido pessoal. Se tomarmos o paraíso como um estado alucinatório em que tudo era prazeroso, nada demandava esforço ou frustração (apenas a proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento). Se não conhecia a necessidade, não se consumavam a observação e o aprendizado pela experiência, não havia passado nem futuro, só o presente sem trabalhos, portanto, ocioso e vazio.

No nascimento, a expulsão é um corte, uma cesura. Também para o nosso jovem, o término da universidade, foi um corte, em que foi lançado ao mundo, lugar para existir.

Bion (1966), em seu livro *Aprendendo com a experiência*, escreve que todo aprendizado humano é experimental, desde a concepção, o nascimento, o crescimento, e a evolução até morrer. Freud intuiu isso quando recomendou que todo candidato a psicanalista fizesse sua análise. Se observarmos a vida ao nosso redor, vemos que a experiência é fundamental. A experiência deve levar ao incremento da observação, da percepção, da correlação, para que o indivíduo possa estabelecer os conceitos úteis à vida.

Leonardo da Vinci, que viveu entre 1452 a 1519, pode-nos inspirar nesse momento. A genialidade de Leonardo é inquestionável, e suas manifestações ocorrem até hoje, como a recente descoberta de uma face de Cristo, leiloadada em Nova York. Deixou boa quantidade de escritos pessoais, científicos e artísticos. Escreveu 7.200 páginas que foram conservadas até hoje, contidas nos seus códices, cadernos e anotações, o que demonstra o seu grande e variado interesse pelos acontecimentos, pela natureza, pelas pessoas, pelas ciências, da ótica à mecânica, do voo dos pássaros aos cursos d'água, à anatomia, aos cálculos matemáticos, e na arte, do teatro à música, à poesia, à pintura etc.

Leonardo não frequentou escola alguma até ser levado pelo pai para Florença. Na infância vivia no campo, numa pequena propriedade rural, solto na vila ou na casa do avô; saía para observar tudo o que via, estimulado por sua imensa curiosidade infantil. Inspeccionava os pássaros, os animais que encontrava, grutas, riachos etc., tudo o que satisfizesse sua curiosidade. Essa curiosidade, manifestada desde cedo, era o estímulo para observar e aprender pela experiência. Essa maneira de ser

foi conservada por toda a sua vida, e, de um iletrado jovem, tornou-se um exímio observador do ser humano e da natureza. Quando o pai descobriu sua habilidade para desenhar, levou-o para frequentar o *atelier* de Verrocchio, onde aprendeu a pintar (Isaacson, 2017).

Experimentalmente foi juntando o observado, curiosamente dedicando-se à arte e à ciência. Suas observações, aliadas aos interesses da época, conduziram Leonardo a pensar em maquinário de guerra, maquinário teatral, diques, canais para a cidade de Milão, um projeto arquitetônico para a cidade ideal, anatomia humana e comparada etc. Ao mesmo tempo, desenvolvia sua arte, aplicando os achados científicos para aprimorar sua pintura. Desenvolveu a perspectiva, a iluminação das telas, a sombra e, sobretudo, o desejo de transmitir movimento e captar a emoção de um momento nos seus retratos e quadros com várias pessoas, criando também a ilusão de três dimensões. Seus quadros e o mural da Santa Ceia, concepções dramáticas dos temas representados, são considerados as obras-primas, exponenciais da criatividade humana (Da Vinci, New York, Artsbras Book, 1978).

Leonardo teve a capacidade de unir arte e ciência, e de transformar suas observações científicas em obras geniais de arte, anotando tudo isso em seus códices, que deixou para a posteridade.

Espera-se do psicanalista que ele possua o talento para a captação do psiquicamente verdadeiro, que será desenvolvido na experiência de sua própria análise. Que sua experiência de vida, iniciada na fase intrauterina, contribua para a apreensão da natureza humana em suas múltiplas facetas, as quais, uma vez conhecidas, possam-se transformar em escolhas, decisões e afirmação de sua personalidade. O psicanalista, ao trabalhar e viver com o analisando, pode adquirir a arte de intuir. Ao desenvolver sua curiosidade, sua observação e sua percepção da experiência, terá a oportunidade de juntar o observado com sua arte de captação do desconhecido. E, assim, exprimi-lo em linguagem articulada e enriquecida pelo seu dom artístico, para comunicá-lo à pessoa em análise, que apreenderá, ou não, a experiência reveladora.

A exemplo de como se deu com Leonardo, essa arte de transformação só se desenvolverá com a experiência, isto é, sendo praticada com paciência e confiança, para que surja a capacidade de transformação e

de improvisação: formas de desenvolver sua intuição e atingir a linguagem de *achievement*, ou uma linguagem surpreendente e penetrante.

Leonardo era genial, mas a genialidade foi desenvolvida pelo talento da percepção e da transformação, do aprendizado à comunicação artística, de um uso real no momento em que observou a uma fantasia projetada no futuro desconhecido. Diferencio, como Langer (1980, p. 422), o talento da genialidade: “O talento é uma habilidade especial de expressar o que concebe. O gênio é o poder de concepção. O gênio muitas vezes tem que lutar pela qualidade de expressão, e para isto recebe a dedicação exclusiva de um supremo talento”. O psicanalista observa os fatos na sala de análise, abstendo-se de memórias, desejos, compreensão e do sensorial, para poder fixar sua atenção no “infinito vazio e informe” (Bion, 1973, p 142) de onde evolui o desconhecido. Sua intuição pode ser sempre maior que a sua observação, permitindo-lhe sonhar, para se pôr em consonância com uma real psicanálise, isto é, a psicanálise que se ocupa do que é só psiquicamente real.

## Conhecimento e poder

No Gênesis, após a descrição de toda a onipotência e onisciência do Senhor Deus, ao dar origem a Adão e Eva, vemos incluída a proibição dos dois seres humanos comerem do fruto da árvore do bem e do mal, sob pena de aniquilamento. Isto é, estava vedado a Adão e Eva o conhecimento. Então, podemos concluir que os seres humanos primitivos viviam num estado de satisfação, prazer e ociosidade, seguindo as instruções de Deus sem chegar a conhecer a vida, a origem das coisas paradisíacas, numa inocência digna do aniquilamento mental. Falando de um ser atual, diríamos que eles estavam muito próximos do que pensamos ser um feto nos primeiros estágios do desenvolvimento. O castigo da morte viria, se aparecesse a desobediência à palavra divina. Concluímos que Adão e Eva não tinham a experiência daquilo que hoje chamamos viver. Na descrição mítica, a autoridade do Senhor Deus impedia o homem de crescer, ser ele, de conhecer a si mesmo, suas possibilidades e limitações inerentes à sua humanidade. Seria sempre um ser sem identidade, sem capacidade de discernir o bem do mal, privado do seu livre-árbrito. Enfim, podemos concluir: sem existência.

Estabelecida a desobediência, logo perceberam que estavam nus, isto é, que eram homem e mulher, que formavam um par, mas eram diferentes e convergentes, perceptíveis na unidade biológica. Expulsos do Jardim de Éden com os estigmas e vicissitudes do sofrimento do que é viver e conhecedores do fim trágico, a morte. Podemos dizer que começaram a adquirir a vida, conceito inseparável da morte. Esse mito, como ideação, é coincidente com o mito grego de Pandora, segundo o qual, em seguida à desobediência, vem o castigo por meio de uma mulher, que traz para os homens infelicidades, paixões, desavenças, doenças e morte.

Desde o início dos tempos, no homem primitivo, como no homem atual, constata-se a presença, na mente, do conflito entre o poder e o conhecimento. De um lado, questionar, perceber, tirar suas próprias conclusões, engendrar ações condizentes com sua experiência, crescer, criar, pensar e morrer e, do outro lado, lidar com o que está estabelecido, arraigado pelos costumes e pelo autoritarismo grupal.

O processo civilizatório criou muitas frustrações para o homem, estabelecendo regras e leis, respeito mútuo e liberdade, para que a vida continuasse, e os homens pudessem viver em grupos, e o progresso chegasse à Terra. Ao mesmo tempo, a experiência emocional invejosa se manifesta; para Melanie Klein, ela é inata, e no Gênesis, cap., ver. 1 a 12, com o nascimento de Caim e Abel, manifestam-se a avidez, a rivalidade, o desejo de poder e de superioridade, que caracterizam a inveja.

Procuramos caracterizar a experiência emocional invejosa pelas observações da vida das pessoas, das instituições e do trabalho clínico, seguindo as formulações magistrais de Klein. Como foi descrito no trabalho que apresentamos no encontro em Aracaju, acreditamos que todos os indivíduos já viveram a experiência de uma constante insatisfação, manifestada na procura de algo, muitas vezes, inominável ou reificado em objetos ou vantagens materiais, mas sempre um objeto obscuro e desejável. Empregando uma imagem visual, a pessoa sente uma espécie de corrosão, que chamaríamos de “corroência”, constante, manifestada como um azedume corrosivo ou uma “ferrugem” abrasiva e dolorosa no interior do ser, algo indefinido. Enfim, essa pessoa mostra-se confusa, incapaz de articular seu discurso e de organizar o seu pensar. Esses estados de mente, sempre variáveis, mudam de intensidade e qualidade

nas diversas improvisações. Tais estados aparecem e desaparecem, como podemos constatar na experiência analítica, e, como disse Robert Greene, no século XVI “a inveja não é preguiçosa” e, de fato, nos parece que ela nunca descansa (Alves, 2017). Essa experiência emocional invejosa manifesta-se em palavras ou ações. A pessoa é conhecida como crítica, julgadora, impositiva. Ela projeta no mundo um autoritarismo onisciente, onipotente e megalômano, e acaba vítima de um superego exigente, cruel e violento, que se torna responsável pela sua angústia e insatisfação, e também é perseguida, arrogante, manipuladora, manifestando-se de forma desarticulada, destrutiva e odiosa (Alves, 2017).

No decorrer da fábula, temos no presente a conjectura ficcional de acontecimentos futuros. Nela, para Bion, a psicanálise está extinta, e ele passa a descrever os estágios do aniquilamento. Apresenta suas ideias como se fossem uma descoberta arqueológica, acontecendo num futuro remoto, que estamos lendo como uma reflexão atual, o presságio do que pode acontecer diante das transformações ocasionadas pelos acontecimentos que estamos apreciando ao ler.

O conhecimento psicanalítico na fábula sucumbe às injunções hierárquicas autoritárias, num regime de onisciência e onipotência em que o questionamento e a exposição individual são chamados de loucura, destinados à extinção do indivíduo ou ao desterro para um hospício. O indivíduo que existe e se posiciona está destinado a desaparecer. Fica retratado um grupo hierárquico com uma ideologia e preceitos ritualísticos irrefutáveis. Não parece uma organização religiosa? Bion escreve: a nova religião triunfará, estabelecendo-se como a “ciência da psicanálise”, controlada com firmeza pela sua hierarquia; seu ritual “método científico” foi codificado e reconhecido como marca registrada da “Nova Era”. Bion continua denunciando as instituições, incluindo uma descrição calcada na formação psicanalítica e no protocolo organizacional dos nossos institutos. Um pouco mais adiante, ele diz:

Essas investigações eram restritas a elucidar os fatos. Esse foi um dispositivo introduzido pelos sacerdotes, para excluir qualquer possível risco de controvérsia, dúvida ou exercício de julgamento, ao limitarem o material que



fundamentava os pronunciamentos de adequação aos fatos considerados como sabidamente certos. (Bion, 2000, p. 337)

Isso retrata a impossibilidade de questionamentos, de improvisações, de originalidade criativa, com o afastamento de uma mente aberta para apreciar ideias novas. O oposto era estar preso ao *establishment*, professando o mesmo catecismo. Quando surgia uma pessoa original e criativa, era hostilizada, maltratada e posta no ostracismo – candidata a desaparecer.

Essa fábula se superpõe ao mito do Gênesis, quando diz o Senhor Deus:

Veja! o homem está se tornando um de nós, conhecendo o bem e o mal, e então livremo-nos dele, para que ele não tome também da árvore da vida e coma o fruto e viva para sempre. Então o Senhor Deus expulsou-os do Jardim do Éden para a terra de onde ele fora tirado. (Cap. 3 vers. 3:22 e 23)

Trata-se, em termos atuais, de extinguir o aparecimento de uma ideia nova ou qualquer contestação que confronte a ideologia vigente.

Tenho observado que os postulados científicos da psicanálise estabelecidos por Freud têm sido substituídos. A investigação da realidade psíquica do ser, da singularidade, da diversidade e da individualidade tem sido substituída por outros postulados, pertencentes a outras ciências, como psicologia, sociologia, assistência social, e a outras doutrinas, fundamentadas em ideologias passageiras ou da moda contemporânea. Chamo de ideologia, termo de senso comum, significando o conjunto de ideias, pensamentos e doutrinas e a apreensão dos conflitos da comunidade humana, instituída por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, dirigindo e fundamentando atuações sociais ou políticas. A ideologia, para Karl Marx (1996), pode ser um procedimento de dominação que se manifesta sob forma de doutrinação, sem violência, alienando a consciência humana e distorcendo a realidade.

É do nosso conhecimento que o conjunto de assertivas científicas que limitam o trabalho psicanalítico pode ser modificado ou substituído por práticas distanciadas da ciência psicanalítica, ignorando a

essencialidade do trabalho feito no isolamento da sala de análise, em que se busca a singularidade de cada ser humano. Na sua fábula, Bion chama a atenção para o momento em que a ciência, transformada em uma nova ciência, se instalava e assumia toda a organização institucional, estabelecendo uma hierarquia, que, instituída, passa a regular todos os rituais, impostos para o cumprimento da nova religião.

É necessário fazer uma distinção quanto à natureza da ciência, para que não ocorra um engano de qualidade. A ciência psicanalítica difere de todas as outras ciências em relação ao seu objeto. O objeto psicanalítico é de natureza psíquica, isto é, composto daquilo que é psiquicamente verdadeiro. Todos os procedimentos e protocolos úteis necessários as demais ciências não se aplicam à psicanálise. Quando utilizados na prática psicanalítica, esses a desvirtuam ou mesmo a aniquilam, ritualizando-a e estabelecendo dogmas, verdades absolutas, rituais de iniciação, rituais de submissão à hierarquia. Como consequência, há um aniquilamento do pensar autônomo, criativo e de um crescimento potencial. É a instalação de uma platitudo irreversível, em um acomodamento confortável, uma espécie de paraíso dito científico.

No trabalho psicanalítico impera a linguagem de substituição. Citando Bion: “deve-se procurar uma atividade que seja tanto a restauração de deus (a Mãe) como a evolução de deus (o informe, o infinito, o inefável, o inexistente), que pode ser encontrado somente no estado em que não há memória, desejo e compreensão” (1973, p. 142). A experiência emocional invejosa precisa ser elaborada, pois ela incide sobre o processo intuitivo-criativo, responsável pelo crescimento do aprendizado pela experiência e, portanto, do conhecimento psíquico. O processo substitutivo advindo do aparecimento da inveja e de um superego destruidor, ao ser incapaz de produzir crescimento, encarrega-se de apresentar ações falsas, baseadas em ideologias que alienam a consciência humana, pois distorcem e mascaram a realidade.

Ideologias poderosas são impostas pela hierarquia, sem consideração pela criação freudiana. Mas os psicanalistas podem-se beneficiar de um trabalho livre das falsas teorias e caminhar em busca da verdade, reconhecendo o caminho preconizado por Freud.

## Agradecimentos

*Agradeço a colaboração de Julia Macruz Bendocchi Alves, minha esposa, sem o que este trabalho não estaria completo. E a Isabel A. Bordin, pelas sugestões que foram feitas durante a sua elaboração.*

### Evocando Bion, retomamos: una fábula para nuestra época

Resumen: Los primeros versículos del Génesis (primer libro de la Biblia), junto con el artículo de Bion “Una fábula para nuestra época”, que está en *Cogitaciones*, fueron el estímulo para el autor examinar temas importantes del desarrollo humano: los conflictos entre el “conocimiento y poder”, “experiencia emocional envidiosa y experiencia y conocimiento”. Si el psicoanálisis es la herramienta que proporciona el conocimiento de la realidad psíquica, ella también despierta las resistencias nacidas del *establishment* interno y del medio social, lidiando con el odio interno y el odio externo. Describiendo la experiencia emocional envidiosa, el autor introduce esa experiencia como otro factor que interviene negativamente en el desarrollo del *insight* y en el crecimiento individual, y también en la expansión de la ciencia psicoanalítica.

Palabras clave: conocimiento, poder, envidia, odio, ideología

### Evoking Bion, we return: a fable for our time

Abstract: The first verses of Genesis, along with Bion’s article “A Fable for Our Time,” which is in *Cogitations*, were the stimulus for the author examines important topics of human development: the conflicts between “knowledge and power”, “envy emotional experience and experience and knowledge”. If psychoanalysis is the tool that provides the knowledge of psychic reality, it also awakens the resistances born of the inner establishment and the social environment, dealing with internal hatred and external hatred. Describing envious emotional experience, the author introduces this experience as another factor that interferes negatively in the development of insight and individual growth, and also in the expansion of psychoanalytic science.

Keywords: knowledge, power, envy, hatred, ideology

## Referências

- Alves, D. B. (2014). *Tessitura de uma experiência*. São Paulo: Edição do autor.
- Alves, D. B. (2017). *Considerações psicanalíticas* (no prelo).
- Bion, W. R. (1971). *Cogitations* (pp. 332-372). Londres: Karnac.
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (P. C. Sandler, Trad., pp. 336-341). Rio de Janeiro: Imago.
- Isaacson, W. (2017). *Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Klein, M. (1975). *Envy and gratitude*. London: The Hogarth Press.
- Langer, S. K. (1980). *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva.
- The Holy Bible of King James I* (2012). Noble & Barnes. (Trabalho original publicado em 1611)

Deocleciano Bendocchi Alves  
deobendochialves@gmail.com